

Tôda discussão que tem por assunto o aspecto "ético e político" do progresso tecnológico acabará, necessariamente, por citar exemplos. E, inevitavelmente, a bomba atômica e a poluição do ambiente (dois aspectos do mesmo fenômeno), serão citados para ilustrar o lado mau, e os óculos para ilustrar o lado bom do progresso. ^{Mos} Pois embora tal discussão seja estúpida, ^{mas} não tem sentido discutir o que devia ter sido, ~~já que "dever ser", (valores), apontam o futuro)~~, não deixa de ter o seu lado interessante. Este: organiza os instrumentos em pares éticos do tipo: bons óculos e má bomba. O interessante em tais pares é o fato de transcenderem ^a todo ^o progresso. Todos ^{os} instrumentos são obviamente coisas éticas, no sentido de serem bons para determinada finalidade. Bombas são boas para matar, e óculos são bons para ler livros. Mas os pares éticos apontam outros níveis. Perguntam: será bom matar e ler livros? Tais problemas meta-progressistas, (transhistóricos, formais), apontam níveis nos quais ocorre por exemplo o imperativo categórico kantiano. São perturbadores, porque questionam o significado dos valores. Por exemplo: ninguém pode discutir o fato que bombas são boas para matar, e neste sentido o "valor" da bomba é experimentalmente verificável e quantificável. Mas todos podem discutir indefinidamente se, quando, aonde e como é bom matar, porque podem divergir quanto à finalidade do matar, e neste sentido o "valor" não é conceito muito significativo. O problema é este: Ou "ser bom" significa sempre "ser bom para algo", e neste caso estamos diante uma redução ao infinito. Ou "ser bom" significa às vezes "ser bom em si", e neste caso estamos diante um "summum bonum" que não é bom para nada. Em ambos os casos estamos diante a crise dos valores. É claro que tal crise não pode ser resolvida por discussão filosófica, (inclusive por discussão do tipo "crítica da razão prática"), porque a crise abranje a existência humana inteira, inclusive a sua dimensão religiosa. Mas a consideração dos óculos, destes instrumentos tão eminentemente kantianos, pode ajudar na tarefa de colocar o problema.

Contemplar óculos é atitude curiosa. Óculos são coisas que devem ser olhadas a travéz, não para. Suponhamos que, sem óculos, sou cego. Neste caso não posso olhá-los, porque, para olhar, preciso olhar a travéz eles. É óbvio que posso olhar a travéz meus óculos os óculos de outrem, mas isto põe problemas. Como pode Kant olhar o tempo e o espaço, se estes são seus óculos, suas formas de percepção, sem as quais Kant é cego? Se tempo e espaço são as lentes dos óculos de Kant, tudo que ele diz a seu respeito se refere a óculos de outrem. E isto é pouco satisfatório, considerando que os óculos de Kant são, na tese kantiana, os óculos de toda razão humana.

Suponhamos que não sou cego sem óculos, mas que os uso apenas para ver mais claramente. Neste caso posso olhar para os meus óculos, e, aparentemente, Kant nada tem com isto. Olho para os meus óculos como olho para os meus sapatos. Não é Kant, no caso, mas é Husserl quem tem a ver com o problema. Assim: questiono óculos e sapatos para descobrir que coisa são eles. (Kant,

VILÉM FLUSSER

naturalmente, negará que tal questionar tenha sentido.) Mas o curioso é que no instante mesmo no qual procuro olhar assim, descobro que não posso olhar óculos como olho sapatos. Quando olho sapatos questiono sapatos. Mas quando olho óculos questiono, também, o meu olhar os óculos; inevitavelmente. Da seguinte maneira: Devo olhar os óculos por outros óculos, (emprestados de outrem), ou não devo? No ~~primeiro~~ ^{segundo} caso: devo corrigir mentalmente as imprecisões da minha visão des-oculada? No ~~segundo~~ ^{primeiro} caso: que tipo de óculos devo emprestar para olhar os meus? Isto é inevitável, e a consequência disto é esta: sei, doravante, que a minha pergunta "que tipo de coisa são óculos?" depende dos óculos a través dos quais olho, e não apenas dos óculos que olho. E sei, também, que a pergunta "que tipo de coisa são sapatos?" depende dos óculos a través dos quais os olho. Em outros termos: se olho sapatos, tendo a esquecer que os olho sempre com óculos, (ou sem óculos), mas se olho óculos, lembro-me deste fato. Se olho óculos sei que a "essência" dos óculos a ser descoberta está penetrada pelos óculos que uso, (ou não uso), ao olhá-los, e doravante sei também que a "essência" dos sapatos é igualmente assim penetrada. Esta é pois a diferença entre o olhar kantiano e o olhar husserliano: Kant olha os sapatos sabendo que está usando óculos, e afirma portanto que a descoberta da "essência" dos sapatos é impossível, (metafísica), porque os óculos estarão sempre entre mim e os sapatos. Husserl olha os óculos antes de olhar os sapatos, para descobrir como os óculos são feitos, e "descontar" isto mais tarde quando olhar sapatos afim de descobrir o que são "essencialmente". Em outros termos: embora Kant também "critique" os óculos, não crê, como Husserl, que tal crítica pode afastá-los.

Tudo isto aponta o fato simples que óculos são instrumentos de mediação num sentido radical do termo: estão entre nós e a nossa circunstância, possibilitam a nossa comunicação com a nossa circunstância, não nos damos conta do fato que os óculos estão lá, e quando acaso nos lembramos disto, os óculos deixam de funcionar satisfatoriamente. Este último aspecto da mediação é importante: No instante no qual os óculos passam para a nossa consciência, a circunstância passa a adquirir caráter "fenomenal", isto é: caráter de aparência pelo menos parcialmente "informada" pelos óculos que usamos. Por isto devemos nos acostumar sempre quando compramos óculos novos, (devemos "esquecê-los"), e por isto gente como Kant e Husserl são perturbadores, já que não nos deixam esquecer os óculos que usamos. Os fabricantes de óculos, (como Spinoza), e os críticos de óculos, (como Kant, Husserl e Ortega), ~~XXXXXX~~ destroçam todo "realismo" ao nos lembrarem constantemente os óculos que se interpõem entre nós e a nossa circunstância, portanto entre nós e aquilo que desesperadamente gostaríamos de chamar "a realidade". Portanto gente como Spinoza, Kant, Husserl e Ortega estão na raiz do estruturalismo, (e da teoria da comunicação que é consequência do estruturalismo).

VILÉM FLUSSER

3

Óculos são instrumentos mediadores. São o que é atualmente chamado "me-
dia", no sentido de servirem à comunicação entre nós e o mundo. Por isto po-
demos tentar formular a hipótese seguinte: se soubermos que coisa são os ó-
culos, (se os olharmos e analisarmos), poderemos "descobrir" a estrutura das
mensagens que recebemos do mundo, e, neste sentido mediato, a estrutura daqui-
lo que gostaríamos chamar a "realidade". A hipótese afirma que, uma vez des-
coberta a estrutura dos óculos, (as formas de percepção, as categorias, a "ma-
tesis" e assim em diante), tal estrutura poderia ser retirada das mensagens e
estas poderiam revelar em visão essencial, ("Wesensschau"), a estrutura despre-
concebida do mundo. Em outros termos: se soubermos que o mundo é côr-de-rosa
porque usamos óculos côr-de-rosa, e que o mundo obedece às leis da dialéctica
materialista porque usamos óculos marxistas, poderemos de alguma maneira rece-
ber as mensagens do mundo imediatamente. Teremos assim desprovado a tese opo-
sta que "o meio é a mensagem".

Mas a nossa hipótese encontrará várias objeções, a mais importante entre
as quais é a seguinte: Os óculos estão entre nós e o mundo no sentido de es-
tarem entre os nossos olhos e a nossa janela. Pois os olhos, por sua vez, es-
tão entre os nossos óculos e o nosso sistema nervoso, e a janela está entr os
nossos óculos e a nossa rua. De maneira que "nós" e a "nossa circunstância"
se apresentam como um único sistema de mediações, dentro do qual o terreno do
nós e o terreno da circunstância se inter-penetraram, e formam, dentro dele, ca-
sos-limite. Casos-limite, com efeito, que podem ser empurrados sempre mais
longe até os horizontes do sistema de mediações, (da "Lebenswelt" husserliana)
Em outras palavras: Podemos considerar o "nós" como se fosse óculos, e neste
caso, o "nós" passa a mediar entre um nôvo "nós" e uma circunstância ampliada.
E podemos considerar a "circunstância" como se fosse óculos, e neste caso, a
"circunstância" fica englobada no "nós" e passa a mediar entre o "nós" ampli-
ado e uma "circunstância mais restrita". Pois tal objeção é séria, porque in-
dubitavelmente enfraquece a hipótese que afirma que uma análise das mediações
poderá revelar a estrutura tanto de nós mesmos quanto do mundo. Pelo contrá-
rio: uma tal análise ameaça revelar a falta de fundamento, ("Bodenlosigkeit"),
tanto do "nós" quanto do "mundo", isto é aquilo que Umberto Eco chama "a es-
trutura ausente". Pois é certo que tanto Spinoza, quanto Kant, Husserl e Or-
tega sabiam de tal perigo, e foi por isto que eram religiosos. Menos certo é
se McLuhan sabe dele, ao afirmar que o meio é a mensagem.

Ao contemplar os óculos podemos ver concretamente a razão do perigo.
Óculos são essencialmente coisas transparentes. Pois "transparência" não diz
apenas que posso olhar a travéz, mas também que posso ver algo por detrás de-
la. Poder olhar a travéz algo significa que este algo não é misterioso. E
poder ver algo por trás de algo transparente significa que a coisa vista é
opaca, (misteriosa). Transparência ou é mediação para opacidade, ou não é
nada. Pois se tudo pode ser tornado transparente, (se tudo pode ser conside-
rado como se fosse óculos), tudo vira nada. Tudo passa a ser mediação com

VILÉM FLUSSER

nada a ser mediado, (de passagem: bôa descrição da situação comunicológica da atualidade). Nas ciências tal situação é corriqueira. O conceito do "campo" na física, o do "ecos" na biologia, o do "nível" na psicologia, o da "estrutura social" na sociologia, o da "sintaxe" na linguística, mostra a decadência de tôda opacidade nestas disciplinas. (Einstein, Portmann, Piaget, Levy-Strau e Saussure sabem disto, e Einstein o formula: Tôdas as coisas obedecem às leis da física, porque do contrário não seriam coisas.) Tudo virou óculos, e nada ficou para ser visto a través eles. Wittgenstein: o mundo não se compõe de coisas, ("Sachen"), mas de relações entre as coisas, ("Sachverhalte").

Com isto, o presente argumento volta para o ponto de partida. Se tudo pode ser considerado e manipulado como se fosse óculos, se tudo passou a ser transparente, estamos diante uma redução ao infinito. Tal ocularização universal leva nas ciências a um agnosticismo bem conhecido nosso. (Sei que nada posso saber, porque não há nada para ser sabido, e quem sabe disto sabe tudo.) Mas em ética e política tal ocularização universal leva a um cinismo radicalmente nôvo. (Tuão é bom para algo, portanto (a) a eficiência é medida de bondade, e (b) o conceito de um "summum bonum" é vazio.) Isto é radicalmente nôvo, porque leva a despolitização e desideologização total, e substitui o engajamento político e ético pelo estabelecimento de um aparelho administrativo funcional cuja finalidade não pode ser questionada significativamente. "História" num sentido existencial é a busca, sempre renovada, da realização de um "summum bonum" (Utopia, civitas Dei, Jerusalém terrestre, sociedade comunista.) Tal summum bonum passa agora a ser ocularizado, vira a ser transparente, e a história acaba. Posso doravante olhar a través de tôdo "summum bonum" outro "summum bonum", e posso me divertir com a brincadeira trocando de óculos à vontade. (Posso olhar o marxismo freudianamente, o freudismo marxisticamente, ambos catolicamente, e o catolicismo tanto freudinamente quanto marxisticamente.) É isto o que resta da "liberdade": jôgo, e não mais engajamento contra o mundo. E quem assim olha ou é funcionário eficiente, ou oportunista.

O fato que óculos podem ser contemplados, e que tudo pode ser contemplado como se fosse óculos, é prova da nossa capacidade de darmos um passo para trás, ("Schritt zurueck" Heidegger), tanto da nossa circunstância quanto de nós mesmos. Tudo passa a ser mediação com nada a mediar, (aparelho perfeito). Não devemos interpretar tal fato como se fosse alguma visão budista do Nirvana, mas devemos aceitá-lo como se apresenta: alienação e auto-alienação derradeira. (Perda de fé, em outros termos.) Quebrar tôdos os óculos, (solução hippie), nada resolve. Entre as duas cebolas chamadas "nós" e "mundo" os óculos continuam mediando, afinal das contas. Continuam ser "bons para serem olhados a través", embora tenhamos perdido a graça de saber para que é "bom" olhar-se. Em tal situação a resposta é: olhar é bom para satisfazer a curiosidade. E a curiosidade não será, ("admiratio"), a mãe também da religiosidade, e não apenas da ciência e filosofia?